



FEPEG

FÓRUM DE ENSINO,
PESQUISA, EXTENSÃO
E GESTÃO

TRABALHOS CIENTÍFICOS APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS DEBATES MINICURSOS E PALESTRAS

23 A 26 SETEMBRO DE 2015
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

ISSN 1806-549X

A HUMANIZAÇÃO NA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO



O bairro Santos Reis: (re)leituras historiográficas do viver numa área periférica de Montes Claros, Minas Gerais

Natália Andrade Ruas, Filomena Luciene Cordeiro Reis

Introdução

A cidade por si só é um espaço contraditório, pois constitui um lugar onde a sociabilidade deve se concretizar por meio das relações que os homens estabelecem entre si no cotidiano das suas vivências, no entanto, é igualmente um campo de disputas constantes. Há projetos dominantes que se consolidam em várias dimensões na cidade, geralmente manipulados pelo âmbito político, que priorizam concepções e planos de um pequeno grupo mantenedor do/no poder. Todavia, o território no qual os homens experimentam a vida consiste na pluralidade dessa existência, que necessita do relacionamento, dos encontros e desencontros, se colocando, muitas vezes, por meio das disputas. Esse outro - ou alguns deles - possui ideias que confrontam com os interesses da maioria, da coletividade. A cidade, esse espaço plural e diverso, é palco de possibilidades dos homens se (re)conhecer nele. Nesse sentido, queremos pensar a cidade de Montes Claros a partir das moradias/casas, tendo como referência a área da periferia por meio do bairro Santos Reis.

Este bairro apresenta características bem peculiares. Ao pensar essa área temos que lembrar, também, a origem de Montes Claros, pois desde seu início, a cidade era frequentada por tropeiros e boiadeiros de várias regiões, conforme aborda Daniel Ruas Andrade [1], por se constituir um entroncamento rodoviário. Esses tropeiros e boiadeiros utilizavam rotas comerciais para chegar à cidade e, o Bairro Santos Reis possuía uma rua – Geraldino Machado -, na qual transitavam com a boiada.

Na época – década de 1930 - essas terras pertenciam a Pedro Xavier de Mendonça. Os boiadeiros passavam “(...) onde havia o ponto de pouso, para descanso de tropeiros e boiadeiros”, de acordo com Aquino [2]. O ponto de pouso dos boiadeiros é justamente onde se localiza o referido bairro, local na década de 1980, que havia uma “caixa d’água”, porque ali funcionava um chafariz comunitário. Atualmente (2015) existe uma lavanderia comunitária nesse espaço. Esse lugar de passagem era, também, uma fazenda que, com o decorrer do tempo se transformou no Bairro Santos Reis. A fazenda de Pedro Xavier de Mendonça, bem como outras que haviam por perto, modificaram-se e tornaram-se hoje (2015) a região denominada “o Grande Santos Reis”, que consiste nos seguintes bairros: Santos Reis, Vila Antônio Narciso, Todos os Santos II, Vila Áurea I e II, Vila São Francisco de Assis, Nossa Senhora Aparecida, Jardim Brasil, Bela Paisagem, Bela Vista, Vila Atlântida, Nova Morada, Santa Eugênia, Vila Alice e Jardim Eldorado.

José Osmando Mendes de Aquino [2] diz que, a origem do bairro Santos Reis é religiosa. Segundo os relatos da comunidade e de Aquino [2], Pedro Xavier de Mendonça ficou doente. Não conseguindo a cura, fez uma promessa que, se caso sarasse, faria uma capela em homenagem aos Santos Reis. Pedro Xavier de Mendonça, no decorrer da doença “recebeu uma mensagem” da sua cura por meio de um sonho. Ele teria sonhado com três aves brancas que voavam e pousavam em uma árvore – um pau preto – que ficava perto de sua casa. Esse local é justamente onde hoje fica a lavanderia, citada acima. E a sua cura se concretizou. Pedro Xavier de Mendonça mandou construir uma capela e encomendou as imagens de Maria, José, o menino Jesus e os Santos Reis - Belchior, Gaspar e Baltazar - para fazer um presépio permanente. Dessa forma, é construída também uma gruta, onde as referidas imagens se encontram, sendo motivo de devoção e visitas dos fiéis, especialmente no dia seis de janeiro, data comemorativa no calendário litúrgico, dos referidos Santos.

Como observamos esse bairro possui um apelo religioso bem grande, cuja origem se relaciona com o seu fundador, Pedro Xavier de Mendonça. Entretanto, a sociedade foi se transformando no decorrer do tempo e, conseqüentemente, o viver dos moradores do Bairro Santos Reis. As primeiras casas que se tem notícia, por exemplo, na sua maioria, foram demolidas. Há uma e outra que mostra a arquitetura e as práticas sociais dos moradores do Bairro no seu início.

A Praça da Igreja, denominada de Praça Seis de Janeiro, é um local interessante para análise em diversos aspectos e, também, constitui o lugar central do Bairro, onde se localiza a Igreja e a Gruta dos Santos Reis construídas por Pedro Xavier de Mendonça. Por esse motivo selecionamos as casas dessa rua, assim como da Rua Pedro Mendonça para refletir. A Rua Pedro Mendonça é a via onde se situa a casa do fundador do Bairro. Essa casa existe até os dias de hoje (2015).



Material e métodos

A. Material Utilizado

Esse estudo está inserido no projeto *Cidade, Imprensa e História Oral: Pensando o Bairro Santos Reis e o Centro de Montes Claros* e utiliza como fonte uma documentação bastante interessante, que vem sendo usada por pesquisadores de várias áreas de conhecimento, dentre elas, a História. A documentação explorada nesse trabalho são os jornais *Gazeta do Norte Mineira* referentes ao período de 1932 – ano em que surgiu o bairro Santos Reis – até 2013, recorte temporal que nos remete aos dias atuais. Esse acervo documental se encontra na Divisão de Pesquisa e Documentação Regional da Universidade Estadual de Montes Claros. Esses jornais apresentam informações que nos ajudam conhecer um pouco mais Montes Claros a partir do bairro Santos Reis. Outra fonte utilizada no estudo constitui a História Oral, que nos permite pensar por meio da escrita da História, vivências e pessoas que não comporiam esse quadro historiográfico e nem se apresentariam como sujeitos sociais. A utilização dessas novas fontes para pesquisas, na área de História, teve início com a historiografia francesa, a partir da criação da Escola dos *Annales* em 1929, que ampliou o campo de material para estudo. Salientamos que, nesse estudo específico, apresentamos apenas a oralidade como fonte e método, pois nos possibilitou averiguar as experiências e os sentimentos de alguns moradores do referido bairro em relação às suas vivências nas casas em que moram.

B. Metodologia

Para instrumentalizar a execução desta pesquisa, cuja dimensão é a História Social com domínio em História Urbana, estão sendo problematizados os micro poderes, as tensões sociais presentes nestes textos, as relações de dominação e interdependência política na cidade de Montes Claros – representação de poder em conflito com o social. Na intenção de aplicar e efetivar o caminho metodológico recorremos a Eric Hobsbawm [3], José D' Assunção Barros [4] e Déa Fenelon [5] com o objetivo de refletir os novos paradigmas historiográficos, assim como dialogar com a proposta da história oral como forma de absorver “novas idéias” e analisar a cidade a partir de pesquisas e debates propostos por práticas sociais, além de outros autores.

A história oral, nesse estudo, constitui instrumento metodológico específico para pensar um bairro periférico de Montes Claros – Santos Reis -, pois ouvir os moradores desse lugar nos permitiu conhecer outras versões possíveis para a historiografia local. Nesse sentido, ao entrevistar os moradores do referido bairro, objetivamos obter outras informações que propiciem refletir sobre a cidade. Para tanto, Alessandro Portelli [6] constituiu nossa referência em como lidar nesse processo de entrevistas. Enfim, a metodologia de história oral nos possibilita que, um tema como a escrita da história por meio da memória, seja (re)(des)construído e analisado nas suas nuances, bem como se reinterprete a sociedade na qual essas relações se estabelecem e se encontram inseridos.

Discussão

Santos Reis, como abordado anteriormente, é um bairro periférico de Montes Claros. De 1932 até 2015, muitas transformações ocorreram nesse lugar e as pessoas que ali habitaram e, ainda moram, possuem histórias e memórias para contar. Conversamos com alguns moradores do Bairro no intuito de conhecer suas moradias, nosso objeto de estudo, e, a partir delas pensar as relações sociais, os costumes, os hábitos e o sentimento de pertencimento ao lugar. Os depoimentos nos revelaram significados bastante interessantes acerca do que se pensa sobre a casa e as relações estabelecidas nesse lugar de memórias, conforme aborda Pierre Nora [7]. Neusa Soares Andrade [8] nos apresentou sua casa, revelando-nos sua intimidade, bem como seus laços de pertencimento a esse lugar. Ela nos relatou em entrevista realizada no dia 12 de abril de 2015 como e quando veio morar em Montes Claros: “(...) sou de Santa Rosa. Casei... nós casamos em 20 de julho de 1970 e, 71 [1971] nós viemos aqui pra Montes Claros. Aí... eu já cheguei grávida da minha primeira filha... e ela nasceu aqui, logo de imediato... e elas todas foram nascidas aqui. (...) Nós compramos [a casa] através... meu irmão já morava aqui, né! E através do meu irmão tinha um amigo dele... e o amigo dele morava nessa casa. Aí... era irmão da namorada dele e, através... ele falou que queria vender a casa, né. Aí através do meu irmão nós compramos aqui [8]. Verificamos que, Neusa Soares Andrade é migrante. Ela vem morar em Montes Claros em busca de estudo e vida melhor, conforme afirma: “Olha... é porque eu tinha um sonho muito grande de morar na cidade, né! (...) tinha vontade de estudar... como lá é difícil (...) precisava de vim a pé... ou de cavalo, naquele sol quente!” [8].

A casa de Neusa Soares Andrade, assim como a rua em que se situa que, segundo ela, no início era um beco sem asfalto. Viver na casa era um desafio, de acordo com Neusa Soares Andrade: “Nossa! Na época da chuva menina, molhava... molhava... molhava... molhava... molhava demais. Às vezes, a gente não podia nem sair de tanta lama, sabe., que tinha na porta. Eu lembro que Laís de Tião morava aqui e a gente... nós era muito amiga, né! Então, uma ia ajudar a



outra a arrumar a casa. Arrumava a casa de uma, vinha e arrumava a outra. E pra nós sair era uma lama... com esses menino pequeno. Menino pequeno não! Eu já tinha... acho que uma, ou duas e AL também tinha os dela lá. Mas era uma lama! Às vezes, também, eu era muito amiga da sua mãe... eu e Laís já tinha mais coisa. Muita lama Lúcia! A casinha nossa, nessa época, essa primeira casa não... engraçado, né! Ela era feito de adobo. Essa primeira casa não molhava assim, não, sabe? Telha... aquela telhinha..." [8].

Apesar de todas as dificuldades, Neusa Soares Andrade afirma seu amor por sua casa: "(...) Eu não penso em nenhum momento em mudar daqui. Por exemplo, eu gosto muito daqui. Eu vou pra casa delas [filhas]... e já tô doidinha pra voltar, sabe! Pensa numa pessoa que gosta da casa onde mora... pensa uma pessoa que gosta onde mora! (...) Minha casa é tudo na minha vida! É tido pra mim! (...) E aqui eu sou muito feliz, principalmente aqui [quintal] que recebo todo mundo... Eu não sei se você notou, mas 'cê sente que aqui tem uma paz muito grande, quando... às vezes muita gente chega aqui e fala –“Engraçado! Essa casa sua dá uma paz!” (...) Então, assim... uma casa que foi construída com muita humildade, muito trabalho, muito amor. Ela só tem paz. Então, essa é a história da minha casa, da minha vida. Eu sinto uma paz tão grande dentro da minha casa, Lúcia... que eu me sinto uma pessoa milionária. (...) [8].

Neusa Soares Andrade trata do sentimento de pertencimento à sua casa, quando diz “Pensa numa pessoa que gosta da casa onde mora...” ou “essa é a história da minha casa, da minha vida” ou ainda, “Minha casa é tudo na minha vida! É tido pra mim!”. Esse lugar tem sentido para Neusa Soares Andrade, pois foi onde ela construiu sua história, viveu com seu marido e filhos; estabeleceu relações com os vizinhos; aprendeu a resolver os desafios como as chuvas que molhavam a casa; o medo de estar vivendo sozinha com as filhas e sem o marido após sua morte; as reformas construtivas, as quais traziam muitos transtornos, pois tinham que estar dentro da casa durante essa fase; dentre tantas outras.

Por fim, aprendemos com Neusa Soares Andrade, que viver em uma casa é se sentir pertencente aquele lugar, pois, nele construímos nossa história. É o lugar que revela nossas conquistas: “uma casa que foi construída com muita humildade, muito trabalho, muito amor”. É também, o local onde nos conhecemos como pessoas a partir dos objetos que acumulamos com o tempo.

Resultados

Durante o exercício da pesquisa verificamos que, o ato de morar no bairro Santos Reis constitui em práticas sociais reveladoras de relações sociais características de um lugar. E, a casa mostra, justamente, quem são as pessoas que vivem nesse espaço geográfico, bem como as suas vivências. A casa é um lugar afetivo e apresenta as lutas e conquistas dos seus moradores no cotidiano. Nesse trabalho apresentamos, apenas, a entrevista com Neusa Soares Andrade, mas conversamos com outros moradores que, igualmente, expuseram os mesmos sentimentos.

Compartilhar da vida desses moradores foi uma possibilidade da equipe de trabalho aprender através dos seus relatos o que significa morar numa periferia de Montes Claros, assim como o que é ter uma casa para morar. O processo ensino e aprendizagem nessa investigação científica se concretizaram, proporcionando aos estudantes e professores crescerem intelectual e pessoalmente.

Referências

- [1] ANDRADE, Daniel Ruas de. Origem do bairro Santos Reis: entre a fé do folião e o relato das tropas. In: **Festa de Santos Reis: 80 anos de manifestações alegres e simples da fé**. Montes Claros: Unimontes, 2013.
- [2] AQUINO, José Osmando Mendes de. **Comunidade dos Santos Reis: uma História...** Montes Claros: Unimontes, 2007.
- [3] Hobsbawm, E. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- [4] BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História – Especialidades e abordagens**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- [5] FENELON, Déa Ribeiro. **Cidades**. Pesquisa em História. Programa Estudos Pós-Graduação em História PUC-SP, São Paulo: Editora Olhodágua, 1999.
- [6] PORTELLI, Alessandro. O momento da minha vida: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOYRY, Yara Aun (Orgs). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'Água, 2005. p. 5-13.
- [7] NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. In: **Revista Projeto História**. Nº. 10 - *História & Cultura*. São Paulo, PUC-SP – Programa de Pós-Graduação em História, dezembro de 1993. p. 7 a 26.
- [8] ANDRADE, Neusa Soares. **Entrevista concedida a Filomena Luciene Cordeiro, João Olímpio Soares dos Reis, Natália Andrade Ruas e Felipe Ribeiro Ruas**. Montes Claros, 12 abr. 2015.



o FEPEG

FÓRUM DE ENSINO,
PESQUISA, EXTENSÃO
E GESTÃO

TRABALHOS CIENTÍFICOS APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS DEBATES MINICURSOS E PALESTRAS

23 A 26 SETEMBRO DE 2015
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

ISSN 1806-549X

A HUMANIZAÇÃO NA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

REALIZAÇÃO



AFORO

